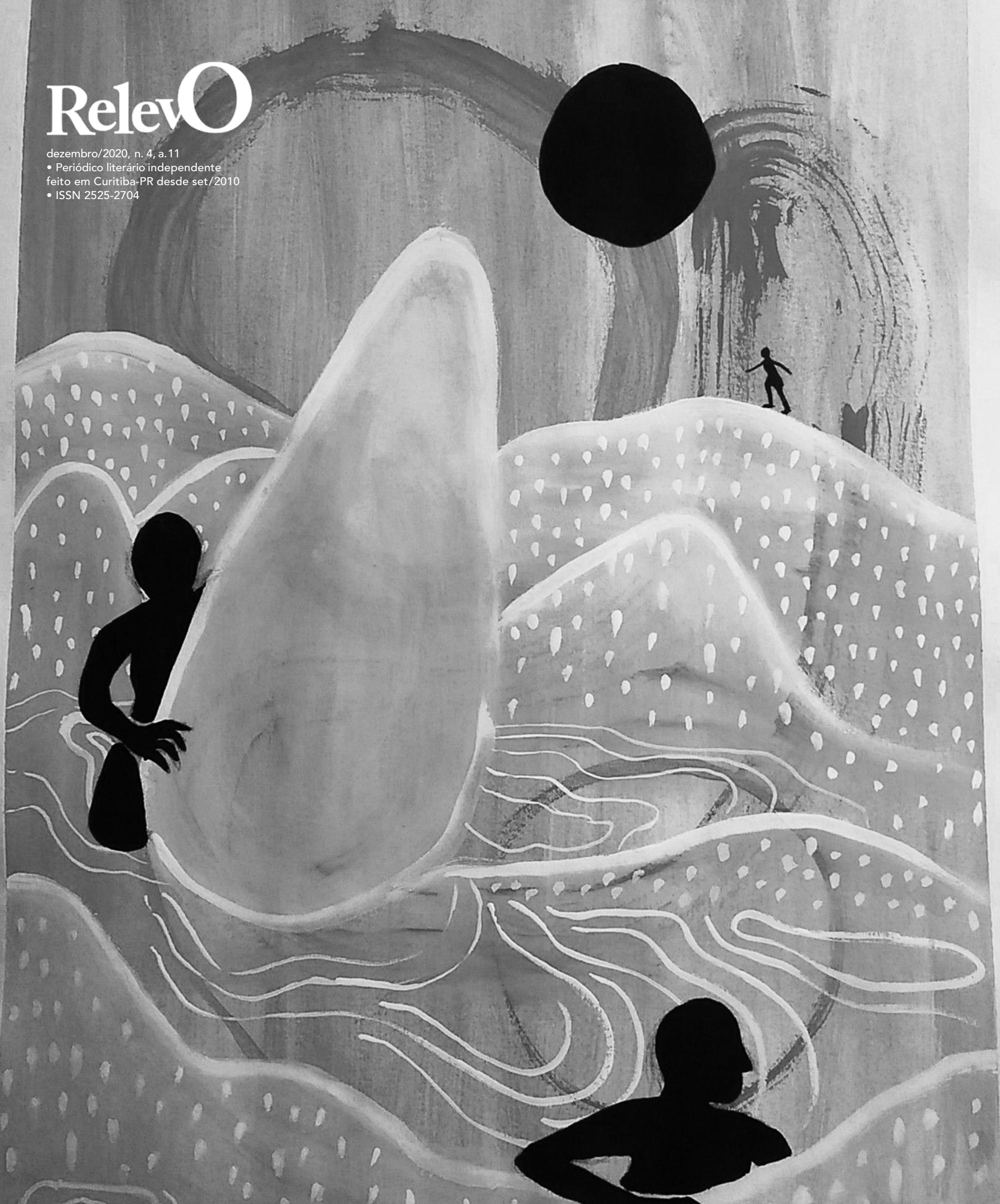


# RelevO

dezembro/2020, n. 4, a. 11  
• Periódico literário independente  
feito em Curitiba-PR desde set/2010  
• ISSN 2525-2704



### Assine/Anuncie: O RelevO

não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em [jornalrelev.com/assine](http://jornalrelev.com/assine) e [jornalrelev.com/anuncie](http://jornalrelev.com/anuncie) ou fale conosco no [contato@jornalrelev.com](mailto:contato@jornalrelev.com).

**Publique:** O RelevO recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O RelevO recebe ilustrações. O RelevO recebe fotografias. O RelevO aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em [jornalrelev.com/publique](http://jornalrelev.com/publique).

**Newsletter:** Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em [jornalrelev.com/enclave](http://jornalrelev.com/enclave).

**A capa, a contracapa e as ilustrações das páginas 21, 22 e 23** são de autoria de Giovanna Gonzaga. Você pode conferir mais do trabalho dela em [www.instagram.com/zovannus](https://www.instagram.com/zovannus).

**As demais ilustrações** são de Agamenon. Você pode entrar em contato com ele no [filhaoiago@gmail.com](mailto:filhaoiago@gmail.com).

## DOS CUSTOS DA VIDA

### (+) RECEITA BRUTA

#### ASSINANTES:

R\$ 150 Miguel Manasses; R\$ 120 Natali Gomes Vancini; Whisner Fraga; Cel Bentin; Teresa Silva; Pedro Luz; R\$ 100 Luiz Ferreira; Daniel Medeiros; Érica Prado; Dani Meriko; Sharon Caleffi; Laís Valério Gabriel; Dinivaldo Gilioli; Marcelo Alcaraz; Cristiano Barros; Edinaldo Abreu da Costa; André Felipe Fernandes; R\$ 75 Guto Souza; Alessandro Rodrigues; Pedro Bertolin; Marcelo Wilinski; Mayra Corrêa e Castro; Nena Inoue; Anna Julia Weber; R\$ 60 Jiro Takahashi; Alexandre Boide; Nicolas Wolaniuk; José Eduardo Degrazia; Betina de Tella; Márcia Longo Dutra; Ana Priscila; Lindevânia Martins; Gilberto Bazarello Caires de Lima; Thiago Ponce de Moraes; Katia Kertzman; Fernanda Taveiro Quintão; Carol Boscarski; Mayara Blasi; Camila Abrão; Bernardo Pilotto; Helena Comninos; Anthony Portes; Arzírio Cardoso; Luiz Henrique Pellanda; Felipe Gollnick; Kátia Nascimento; Ana Luiza Memória; Ednelson João Ramos e Silva Júnior; Daiane Lima Moro; Pedro Araujo; Thássio Ferreira; José Vecchi de Carvalho; Alvaro Divardin; Elisa Ponciano; Marcio José da Silva; Talita Almeida; Arlindo Ramos; Isadora Nardes; Helena Sofia; Sandra Godinho Gonçalves; Luiz Biajoni; Alexandre Guarnieri; Larissa Adur; Vítor de Lerbo; Julia de Cunto; Mariana Ronchetti; Matheus Lima; Vinicius Maurer; Dédallo Neves; Julliane Brita; Ricardo Leão; Rodrigo Madeira; Maurício Cavalheiro; Ranieri Carli; Giovana Proença; Manolo Ramires; Carlos Kahê; Karina Ernsen; Bento Moura; Daniel Montoya; Gabriel Siqueira; Rafael Gayer; Aline Fish; Ellaine Américo; Matheus Lopes; Davi Etelvino; Diana Visconti Morgado R. da Cunha; Jordana Machado; Bárbara Brito; Carolina Bataier; Renisse Ordine; R\$ 57 Kleber Bordinhão; Jacqueline Carteri; Geraldo Lima; R\$ 50 Wilson Moreira; Mariana Franco Ramos; R\$ 47 Darson Castro Daniel Dereveck; R\$ 40 Luiz Paiva de Castro; R\$ 35 Ane da Silva; R\$ 30 Elizabete Berberi; R\$ 30 Laura Elizia Haubert **TOTAL: R\$ 6.895**

#### ANUNCIANTES:

R\$ 250 Lume Livraria; R\$ 240 RNBC;  
R\$ 200 Editora Penalux; R\$ 100 Editora Madrepêrola; R\$ 60 Rômulo Cardoso;  
R\$ 50 Livraria Pará.grafo  
**TOTAL: R\$ 900**

### (-) CUSTOS FIXOS

Gráfica: R\$ 883  
Escritório: R\$ 230  
Entregadora: R\$ 60  
Autores e ilustradores Nov: R\$ 560  
Autores retroativo: R\$ 440  
Editor-assistente: R\$ 300  
Serviços editoriais: R\$ 400  
Mídias sociais: R\$ 250  
Diagramação: R\$ 100  
Infografia: R\$ 60

### (-) DESPESAS VARIÁVEIS

Transporte: R\$ 400  
Correios: R\$ 1883  
Conserto RelevO Móvel 3/4: R\$ 1.000

### (-) DESPESAS ADMINISTRATIVAS

Domínio mensal: R\$ 30

(+) Entradas totais: R\$ 7.795

(-) Saídas totais: R\$ 7.776

(=) Resultado operacional: **R\$ 19**

## Dezembro/2020

Editor: Daniel Zanella  
Editor-assistente: Mateus Ribeirete  
Ombudsman: Sandro Moser  
Revisão: Às Vezes  
Projeto gráfico: André  
Infografia: Bolívar Escobar  
Advogado: Bruno Meirinho  
OAB/PR 48.641  
Impressão: Gráfica Exceuni  
Tiragem: 3.000

Edição finalizada em 27 de novembro de 2020

### CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri  
Bruno Meirinho  
Celso Martini  
Cezar Tridapalli  
Morgana Rech  
Felipe Harmata  
Jacqueline Carteri  
Osny Tavares  
Whisner Fraga

## DOS LEITORES

### EITA

**Munique Duarte** Na edição de outubro, no texto “E o Abaporu”, sobre o Adão Iturrusgarai, foi dito que o Abba é uma banda dinamarquesa. Na verdade, é sueca. Não conferi se teve errata sobre. Abraços!

### JUSTIÇA!

**M.** Hey, Jornal. Na falta de uma briga judicial por conta do nosso término, meu ex-noivo e eu, que fizemos o absurdo de trocar alianças de um simbólico casamento em plena pandemia, teremos outro motivo de contenda: pela guarda do **RelevO**, uma edição de 2019, na qual saiu um conto meu. A parte processada, que mandou um carregamento de dois caminhões inteiros de coisas minhas — talheres, pratos e lixeiras, inclusive — para a casa dos meus pais, quando inquirida a respeito do grave crime de ter enviado, além de tudo, os livros que escrevi e dediquei a ele, fora os presentes acumulados de cinco anos, respondeu o seguinte: “guardei o mais importante. Guardei o **RelevO**”. Ainda que a processante seja assinante e admiradora, e, aliás, por isso mesmo, do jornal, o caso tornou-se uma grave disputa de guarda, com o agravante crítico de que, afinal, os livros que escrevi foram considerados menos importantes. Um caso que só podia constar nas páginas pitorescas de um jornal de papel e de literatura no Brasil. Fica aí meu elogio dolorido para vocês. Ou o do meu ex. De uma autora e assinante que prefere ficar anônima porque não aguenta mais tretas na sua vida.

### Polvos, panetone, Nassim Taleb [Enclave #75]

**Adriana Baggio** Olá, pessoal, tudo em ordem? São bem interessantes esses textos sobre a gênese de pratos ou fórmulas culinárias. Verídicos ou anedóticos, é sempre de alguma desandada que surge algo gostoso e que depois se legitima e integra a tradição, como o panetone ou o chantilly. Juntando o texto sobre o acaso (viver só no acaso é exaustivo, mas fugir dele é empobrecedor) com o do panetone, me faz lembrar de um livro que vi por acaso e que me atraiu pelo título: *do partenone ao pantone*. É uma proposta de história da arte não linear, narrada a partir de associações não evidentes, como entre L'Annunciata de Antonello da Messina (1476) e um crânio quadriculado de Gabriel Orozco (Black Kites), de 1997. O livro, cuja primeira obra de

arte descrita é o partenon, segue assim, sempre em duplas, até finalizar com um iglu de pedra em forma de panetone, no qual se inscreve em neon a frase "Se o inimigo se concentra perde terreno, se se dispersa perde força" (Igloo di Giap, Mario Merz, 1968). O partenon serve para refletir sobre linearidade e evolução (tempo), o panetone sobre concentração de dispersão (espaço). Aby Warburg já propunha uma história da arte a partir da pervivência das formas, mais ou menos como diz o texto de Nassim Taleb: "algumas formas estéticas apelam para algo genético em nós". Parece que o autor de *Dal partenone al panettone* se inspirou no Atlas Mnemosyne de Warburg para organizar seus "encontros inesperados na história da arte", que se encerram ao se fechar, com um panetone, a trajetória iniciada com o partenone. A propósito: BONAMI, Francesco. *Dal partenone al panettone*: incontri inaspettati nella storia dell'arte. Milano: Mondadori Electa, 2010. Por fim, bacana a Enclave como exemplo de jornalismo de newsletter (fiquei sabendo esses dias que tinha um nome pra isso), com textos que se bastam, mas que derivam por meio dos links, o que ajuda a mensurar o engajamento. Neste caso, vale conferir o link do "utilizou" no texto do panetone, acho que está corrompido. Por conta do atraso dos correios só nos últimos dias consegui ler a edição de setembro. Não é de hoje que literatura, publicidade e jornalismo se ajeitam no tico-tico no fubá, mas nem sempre o ménage à trois é saudável. Acho que nessa edição o trisal funcionou bem. Interessante como a publicidade serviu de matéria-prima criativa para o manifesto Red Bull e para o conto "O Adidas e o Comunismo", ao mesmo tempo em que a função poética (quem vem da teoria literária) dá graça ao anúncio da editora Ipê Amarelo. O reclame usa a metapublicidade sem cair no clichê, mesmo que clichê ali não falte. Aliás, é bem bacana que eles assumam o clichê (linguagem) ao mesmo tempo em que têm um jeito de clichê (a matriz da impressão). Sem desmerecer o conteúdo literário, meus cumprimentos ao anúncio, esse parente às vezes indesejado, mas que ajuda a pagar as contas. P.S.: pena terem repetido o clichê (matriz) na edição de outubro, o que transforma o clichê (recurso criativo) em clichê (linguagem esvaziada).

### ALGUM LUCAS

**Gabriel Alencar** Comento ainda a edição de outubro porque ela me chegou há pouco. Olha, salvo engano, acompanho tudo que o Algum Lucas

escreveu para o **RelevO** nesta série de ensaios que começam com um número e, via de regra, ele traz reflexões que são muito pertinentes. Agora, conquanto eu compreenda que é realmente necessária uma crítica às abordagens contemporâneas de constante digitalização da vida humana (que ele constantemente chama de *videor ergo sum*), sinto que nestes últimos ensaios ele tem assumido demais um caráter quase tecnofóbico da abordagem. Trechos como aquele em que diz: "Referir-se à internet como a um espaço é validar a descorporeificação do estar-no-mundo humano [...]" (p. 15) é de uma simplificação exagerada que — poxa — me faz pensar que ele conseguiria fazer melhor que isso. O lance é que, embora ele no texto todo volte-se à ideia do amor e aborde este conceito (que ele tampouco digna-se a delimitar — não digo nem definir, só delimitar) como transformado por este novo Zeitgeist do *videor ergo sum*, não é de amor que o texto fala. É tudo uma velada defesa ao materialismo mais barato que há. Ora, Algum Lucas, se a realidade vem das experiências sensoriais me diga: quando você pensa, você está usando seu tato, olfato, paladar, visão ou audição? Mano, você consegue argumentar melhor. E eu falo isso porque eu já vi acontecer. Volte ao primeiro amor.

**Algum Lucas** Fico muito, muito feliz com essa carta. Na minha onda de "liricizar" o ensaio, optei por deixar esses últimos capítulos de escada para o que eu espero que funcione ao final como postura suficientemente humilde, superficialmente flusseriana talvez. Fui pego no flagra, não tenho como negar. A questão é que, do meu ponto de vista, delimitar conceitos como "amor" e excluir do pensamento os outros sentidos acaba é por limitar o escopo de uma possível especulação. É fato que quem vê e quem não vê pensam numa flor de maneiras distintas. Um talvez visual, e o outro olfativamente. Ao menos num primeiro momento. Quanto ao materialismo barato, adoto-o como ferramenta por apreço a Alberto Caeiro. Mas, no final do mês, as contas dão sempre na arbitrariedade de sentidos que escolhi para as coisas, como dizia o bom velhinho, Flusser. Da tecnofobia, não é a primeira pessoa que me aponta o fato. E, por mais que não seja muito afeito mesmo ao "espaço digital", minhas ênfases foram bastante infelizes, fazendo parecer como se eu abominasse a internet e tivesse sonhos de Ted Kaczynski. Até comecei essa semana mesmo a escrever um

complemento mais sóbrio ao ensaio, que trata justamente das consequências práticas de reconhecer e se opor ao que chamei *videor ergo sum*. Tenho plena consciência de que dosei mal o floreio aos argumentos, a mais pura verdade é que só precisava tirar algumas coisas do meu sistema, e o espaço que encontrei para fazê-lo foi o meu ensaio floreado, sempre mais preocupado com o impacto do que com o argumento em si. No final do dia, todo mundo sabe que gastou uns minutinhos a mais aqui e ali. Talvez pensasse com a minha dor na lombar. Piadotas sem graça à parte, muito feliz de ter interlocutores tão inteligentes. Muito obrigado, de verdade. Pesquei um pronome errado no 8, que sai esse mês. Vi uma vírgula também, mas me esqueci de anotar linha e página, então deixa pra lá, nem sei se compensa o trabalho de revisar. Expição de culpa à parte, já tentaram alguma forma de seção de troca de livros ou coisa parecida pelo jornal? Uma espécie de classificados literários. Tô há um tempão atrás de uns livros do Augusto Abelaira, mas com a dificuldade de pedir qualquer coisa de fora, e minha recém-assumida tecnofobia, não consegui encontrar nenhum app pra ajudar. Fora isso, um monte de livros que tenho convicção de que nunca vou reler na vida tomam um espaço precioso aqui de casa. Outra coisa que pensei agora, escrevendo o complemento do ensaio pra conseguir enviar a uns concursos que volta e meia pintam na **Latitudes**, me peguei sem entender o porquê do ombudsman fazer questão de citar meu nome. Não me incomodo, nem com isso, nem com ele na coluna de anunciantes. Não sou nenhum zorro literário, só acabei ficando, mais do que lisonjeado, curioso. Um grande abraço por aí (e a última capa foi, na minha opinião fecal, das melhores de todos os tempos. Lindíssima).

**Emiliana Torteloti Freitas** Quero aproveitar pra parabenizá-los! Quando assinei como apoiador eu havia já gostado da proposta, achei o suporte o máximo, mas confesso que, quando chegou meu primeiro exemplar fiquei loucaaaaaa, eu simplesmente amei e comecei a falar com os amigos. Iniciativas como essa, nós que estamos na luta, que trabalhamos com escrita, com educação, com pesquisas na área — NÃO PODEMOS DEIXAR DE LEVAR UMA OBRA DE ARTE LITERÁRIA (como me refiro ao **RelevO**) a um maior número possível de pessoas. Abraços afetuosos e, mais uma vez, PARABÉNS!

**André Mellagi** Boa noite! Parabéns pelos dez anos do **RelevO**, que venham outros dez! O texto "De labrador a pitbull" ficou sensacional! Feliz de também ter contribuído e encontrado meu nome entre os colaboradores.

**Larissa Olsen** Pessoal, indico demais esse jornal de literatura! Sou assinante há algum tempo! Lembre: a arte salva. Palavra salva. O editor dá as coordenadas e você recebe conteúdo de qualidade em casa e ainda apoia os escritores e toda a equipe de edição/produção.

**Wesley Barbosa** Necessário seu jornal nesse momento em que quase não se tem espaço para autores que não estão em grandes editoras.

**Maikon Cassol Scheres** Continuem firme, admiro o trabalho e dedicação. Que os literatos carentes procurem psicoterapia ou liguem no Chat LINE para fazer novas amizades.

**Dinovaldo Gilioli** Se o jornal mudar alguma microcoisa, já tá valendo. De alguma forma, o periódico é uma espécie de lembrança de viver. E estar vivo hoje, em meio a uma pandemia e a um negacionismo irracional, soa até como uma conquista. Avante!

**João Carlos Magalhães** Parabéns ao grupo do **RelevO**, pelo que vocês fazem, e quem faz, faz toda diferença.

**Maurício Simionato** O trabalho da equipe do jornal é grandioso. Parabéns! Sigam firmes.

**William Soares Dos Santos** Parabéns pelo jornal e muita força para continuar.

**Carlos Kahê** O jornal orna mentirosa de enganar os sentidos da vida? Muito ao contrário: o verdadeiro sentido de dar vida a uma forma mentirosa de viver: a enganosa literatura. Podemos até discordar do leiaute, da disposição das matérias, a formalização dos textos. É o direito legítimo de optar pelas formas. **O RelevO** é um rochedo que resiste à força indestrutível do desinteresse nacional ao que se refere a cultura em geral.

**Sandra Godinho Gonçalves** Pisar firme no mundo com os dois pés ruins. Ter os dois pés ruins e ainda assim pisar firme. Esse é o sentido. Esse é o propósito de se estar no mundo. Pode ser desanimador às vezes, mas é um propósito firme, o que significa bem mais dos que aqueles que se deixam

levar pela vida, sem pés suficientes para deixarem sua marca.

**Miguel Angelo Manasses** Vida eterna ao RelevO!

**Fernanda Dante** Sendo beem piegas, o jornal é um trabalho lindo feito com olhos clínicos e com o coração (às vezes de pedra). Ele não é uma bola para se fazer/chutar com os pés.

**Márcia Arantes** Eu amo um jornal.

**Luize Ribas** Força para a equipe que faz todo mês chegar em nossas casas um jornal incrível e extremamente inteligente.

**Ramon Manfredini** Vocês já nos fazem um preço de Black Friday o ano inteiro.

**Patrícia Gimenez** O preço já é excelente pelo conteúdo oferecido. É hora da galera colaborar e continuar dando aquela força à equipe do jornal.

**Nílbio Thé** Vocês estão certos em reforçar o pagamento aos escritores e questionar outras publicações, mas, afinal, quem tem grana hoje em dia que topa trabalhar com ideias, arte e revolução?

**Evelin Moreira** Esse jornal mudou completamente a minha visão sobre a literatura em todas as suas facetas e nuances. Que venham mais dez anos.

**Everaldo Ferreira** Nós escritores sofremos primeiramente na família porque somos ridicularizados por eles que dizem escritor não tem futuro, não ganha nada. Depois vem a rejeição por parte das editoras que só querem muitas vezes livros de terror e sexo, e por último vem a rejeição governamental que a profissão de Escritor não é regulamentada. Enfim porque escrevemos então porque não é uma coisa que a gente escolhe, nascemos com esse dom e não tem como não exercer. Outro grande problema é que muitas vezes os escritores que ganham destaque não pensam na classe em geral, e sim apenas no seu sucesso pessoal, troféus, medalhas, condecorações, e esquecem de estender a mão para os que não tiveram a mesma sorte. Então temos um cenário onde apenas os doidos como se intitulam continuam, também tem essas taxações, em que muitos citam, “escritor nossa que estranho, que esquisito, não tem outra coisa pra fazer”. Enfim é isso, o Escritor não é valorizado, reconhecido e nem remunerado, e nem

regulamentado. Porém existe exceções, alguns conseguem se destacar nesse mundo literário e os que conseguem se tornam mais inacessíveis do que um ovni da Área 51 americana.

**Idianara Lira** Um bom café Latte e um jornal pra fazer companhia neste dia frio e chuvoso

**Iza Machado** Eu não poderia deixar de exaltar essa maravilhosidade! O que está esperando pra assinar o melhor jornal da vida?

## RETRATAÇÃO

**Ednelson Júnior** Olá, pessoal do Jornal. Na edição de outubro de 2020, publiquei um ensaio intitulado "O que há no desvario da palavra?". No ensaio, reproduzi, para fins de análise, todos os poemas do livro *Verde vidro*, de Amanda Prado, dado que a obra é curta. Como a publicação do ensaio não implicaria em qualquer espécie de lucro para mim, julguei que isso não iria infligir a lei de direitos autorais. Todavia, por ter reproduzido todos os poemas do livro, reconheço agora que incorri em erro, embora em nenhuma momento tivesse o intuito de prejudicar a autora e a sua propriedade intelectual. Assim sendo, gostaria de desculpar-me com a escritora Amanda Prado publicamente.

**Da redação:** Obrigado pela retratação, Ednelson. De fato, como o ensaio retrata três poemas de tamanho mediano, ficamos vendidos nessa, não sabíamos que estaria ali todo o livro(!).

## UM DIÁLOGO

**Editor** Ah, André, deu certo da nossa assinatura? Na correria, esqueci de perguntar.

**André, assinante e escritor** Ainda não. Parabéns pelo jornal. Mas vou dar um tempo. Em outro momento volto a assinar. Você deve ser uma pessoa interessante e batalhadora, mas, cara, por meios eletrônicos, todas nossas interações são me cobrando. E quando fui lhe apresentar uma pessoa que seria excelente contribuição para o jornal, já chegou vendendo. Fera, sei de seu trampo e da dificuldade pra sobreviver, mas às vezes seria massa você bater uns papos com as pessoas, se interessar por elas e não só pela assinatura do lance. Abração.

## EDITORIAL

### Se são demais os perigos dessa vida

São.

Pandemia.

Crise econômica.

Um jornal de papel.

E de literatura em tempos de crise econômica e sanitária.

Brasil.

Por que seguir? Por que seguir?

Publicar um jornal de papel e literatura é o avesso do parto natural de uma nuvem. A cada mês, oscilamos entre a preocupação e o alívio de ter produzido mais uma edição, de termos honrado com mais uma entrega aos nossos assinantes, que se mantêm estáveis, que se mantêm fiéis a um projeto sem dinheiro público e sem ricos patrocinando.

Cada assinatura renovada é um voto a mais de confiança — e até dizem que o **RelevO** não vota; e até dizem que o impresso está morto. Cada nova assinatura é uma aposta por parte do assinante-apostador, que paga 60 reais antes de chegar as 12 edições — como se recebêssemos uma entrega afetiva: “vão lá, me tragam 12 edições ao ano, ou o amor de estudante acaba”.

E os Correios, e os Correios.

Contra todos os prognósticos deste ano desgracido, um dos grandes termômetros de 2020 ainda são as cartas dos leitores, que seguem sintonizadas à nossa frequência. Após o novo projeto gráfico do Ano 11, iniciado por nós em setembro, decidimos ampliar as páginas de cartas. E o que são *as nossas cartas*? Entendemos as cartas dos leitores como todo material que é escrito e direcionado ao jornal, seja por email ou em uma rede social. Geralmente, recebemos entre 30 e 40 cartas por mês. São reclamações, desabafos, confissões, expansão de amor, curiosidades, problemas... As cartas nos dão um alívio de presença: é como se, a cada carta que recebemos, nos tornássemos menos passado. A carta do leitor legítima a nossa materialidade.

Não sabemos dizer se somos contemporâneos da multiplicidade de caminhos (o impresso como mais uma forma de expressão válida) ou se somos a obsolescência que perdura (obra de insistência malsã). Assim, vamos vivendo perigosamente até a próxima edição, buscando não adoecer de COVID-19, de desaparecimento e de Brasil: entre uma nuvem escura a alimentar a seca e um átimo luminoso da eternidade.

Uma boa leitura a todos.

SANDRO MOSER

**Cartas na rua**

No começo da carreira convivi com um jornalista da antiga que tinha fama (exagerada) de polemista e vivia em guerra aos leitores que escreviam cartas à redação. “Escrever para um jornal é a pior forma de solidão”, repetia. Sua rotina sadomasoquista começava com desaforos matinais aos críticos até o dia em que desafinou com a pessoa errada (“vá chupar o pau do Felipão”), o que lhe custou o emprego.

Em geral, os leitores são odiados pelas publicações. Em especial, quando cobram erros e posições. Não acontece neste **RelevO**, que, se pudesse, levava cada um de seus leitores para jantar fora. Aqui, não há a figura do editor que responde as reprimendas com ironia arrogante. A maioria das publicações que precisam de assinantes mantém um.

Em revistas como *Mad*, *Placar* e *Piauí* — para falar de tempos e públicos diferentes —, a voz que confrontava os leitores era uma das mais lidas. No *Pasquim*, Henfil e Jaguar, estrelas da companhia, faziam este trabalho.

O **RelevO** terceiriza a função ao seu ombudsman, órgão impessoal e transitório, que deveria fazer a defesa dos interesses dos leitores expressos principalmente em suas cartas, mas hoje falha por inépcia e preguiça.

Na edição de novembro, porém, uma carta se destaca. A leitora Rosilene Gomes, com a gravidade de sua prosódia lusófona, faz a pergunta fatal: “Boa tarde !! podes me dizer o que é o RelevO ?”

Que grande questão. Existencialismo no Estácio. Não pode ficar sem resposta.

Em parte, o editorial se ocupa de respondê-la: um jornal literário sem mecenas e que não encosta em dinheiro público. E que, portanto, não precisa lambar botas e puxar sacos. Nem se fazer de descolado para agradar ninguém. E que às vezes (pode, por que não?) é paneleiro, desagradável, pornochanchável. Abre páginas para quem não escreveria em nenhum outro lugar e fecha para quem mais queria aparecer.

É uma amálgama desigual que mistura textos de hierarquia como os de Ranieri Carli, Racuel de Queiroz e do grande Rodrigo Madeira a outras prosas mais juvenis. Assim é que deve ser à “moda do lobo, sem amigos, sem mulher e filhos”. Termineo destacando as páginas das duas poetisas Julia Raiz e Maria Luiza Artese, que me foram apresentadas aqui e torcendo para que este ano de merda termine sem matar mais amigos meus.

**APOIADORES**



Quer café fresco, na sua casa, a cada quinzena?  
Confira nossa assinatura de torras.

**FLAMA**  
TORRAS ESPECIAIS

@flama.torras.especiais  
linktr.ee/flamatorras

Café de qualidade - Produzido com respeito - Torrado com excelência.

**Venha para a Estante Distópica**

Por: @elrafa.lit @felixliteratura

**O que é:**  
Curso / leitura coletiva sobre distopias clássicas; Um estudo de livro por mês.

**Como funciona:**  
Grupo fechado no WhatsApp; Conteúdo em vídeo, áudio e texto; 2 lives mensais; conteúdos e debates bônus!

De Nov. a Fev./2021, próximos livros:  
"Nós", de Leгуаnіl Zamiatin; "Admirável Mundo Novo", de Aldous Huxley e um "livro misterioso"...

VALORES E INFO: ✉ estranhoescritorio@gmail.com

# Costura

Amanda Vital

mãe, hoje eu vi o mar: parecia um lençol de seda que avó abanava e quando estendia sobre a cama sempre ficavam algumas preguinhas ela precisava puxar aos poucos alisar o tecido contra o colchão a maré também evita preguinhas por cima da areia o mar é um bocado de avó perfeccionista de gênio instável a estender um imenso tecido infinito para cosê-lo: o mar afinal é uma avó abanando as águas em viscosidade azul em tafetá turquesa em seda verde espetando barcos em pequenas almofadas de areia um ventilador atrás da nuca a assoprar suas ondas os pés no pedal: os pés nos pedalinhas: duas mãos deslizando numa bancada de granito a desfazer-se entre os dedos: uma fita métrica anil no horizonte: mãe, hoje eu vi o mar e meus cabelos têm retalhos



# DUETO PARA MANHÃS E METAIS

Adriana Gama de Araújo

o jeito de manejar o instrumento  
levá-lo à boca  
soprava um segredo de seda  
azul com pequenas notas em amarelo  
eu sonhei  
a alegria esgarçada de uma manhã  
deitada na rede  
ouvindo orquestras.

# Pai e filha

Sandra Acosta

Era um sábado à noite, em plena pandemia, e meu pai ligou avisando que estava sendo internado. De cara, não entendi nada. Ele não havia contado nem que estava com dor de cabeça, muito menos que precisaria de um hospital. Nessa ligação, Dary (apelido carinhoso do meu pai) falou de um mal-estar que o acometia desde quarta-feira (!) e que não conseguia comer, por sentir muitas dores, desde o dia anterior (!!!). Os médicos, então, consideraram prudente a internação para analisar o caso. Ao desligar, não pensei duas vezes. Entrei no app da Azul e comprei uma passagem de avião Curitiba-Campinas para a manhã seguinte.

Para quem não foi visitar o pai no Dia dos Pais por medo de voar na companhia de partículas da COVID-19 e de transmiti-las justamente ao homenageado da festa, me percebi bastante ousada naquela manhã. Em apenas três horas, eu não só viajei de avião, como peguei um Uber e iria precisamente pro local onde pessoas com o vírus se direcionavam para tratamento. Além da preocupação com meu pai e seu estado de saúde, eu estava aterrorizada de ter que passar por aquela experiência, junto a ele, num contexto pandêmico.

Chegando ao hospital, recebi as indicações para ir até o quarto 104. No trajeto de 30 metros, acionei três vezes o frasquinho de álcool gel. Bati à porta com meu cotovelo. Ao abrir, reconheci rapidamente o Dary à direita, que sorriu pra mim por trás da máscara. Além dele, havia um homem bem idoso também internado, uma senhora acompanhando-o e um enfermeiro medindo sua pressão. Os quatro estavam em um quarto fechado,

com persianas igualmente fechadas. Conclui que, ou eu me tranquilizava com relação ao vírus, ou eu teria um surto de ansiedade até o fim do internamento. Conformei-me com a primeira alternativa.

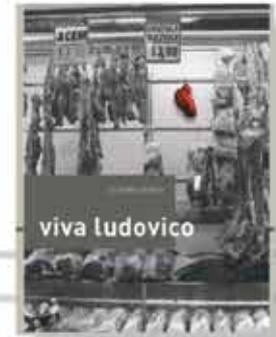
Dary estava com soro e medicamentos ligados ao seu braço. Apesar de estar hospitalizado, eu tive, felizmente, uma boa impressão do seu semblante. Ele parecia animado, corado, jovial. Não sei se era pela diminuição da dor, por me reencontrar depois alguns meses, ou por compará-lo a seu colega de quarto, Seu Lygio. Lygio era um homem de 91 anos e estava ali porque sua bexiga havia sido perfurada em decorrência de uma queda. Tinha chegado dois dias antes do meu pai, mas era um habitué do hospital. Extremamente magro e com aparência frágil, me parecia ser impossível entender o que ele falava. A única pessoa que o compreendia era Lia, a filha.

Lia era a voz de Seu Lygio, a dela mesma e, nos dois dias que ficamos ali, falava também por mim e pelo Dary. Nos momentos vacilantes sem meu livro por perto, Lia me capturava como sua interlocutora e narrava sua história e a de seu pai. Ela tinha 63 anos, fazia trabalhos manuais, era casada com um taxista barrigudo, seu sonho era morar na praia e não gostava de suas noras. Contou que Seu Lygio havia sido um excelente dançarino de bolero (inclusive tinha uma coleção de discos desse gênero), que ele a havia levado ao Nordeste quando menina e que ele vivia em sua casa desde quando a segunda esposa o abandonou por estar ficando muito velho. Enquanto revelava essa história, ela acariciou os ralos fios de cabelo do Seu Lygio.

Vivenciar a rotina daquele quarto fez meu foco se transformar. Da fixação na morte, pelo pavor da COVID-19, me concentrei na vida, refletindo sobre a beleza das relações de amor entre pai e filha. Observar Lia insistir para que o pai comesse ou se preocupando com seu conforto, me fazia ver como o ciclo da vida testa nossa capacidade de doar tempo e atenção àqueles que amamos, invertendo os papéis entre cuidadores e pessoas a serem cuidadas. De certa forma, vivi essa troca ao levar meu pai pra casa, lembrá-lo de se hidratar, notar que gostava das minhas sopas de lentilha. Quando, por fim, comecei a ouvir seus projetos de viagens e aventuras pelo mundo, percebi que ele estava bom de novo.

Eu já podia voltar pra casa.





### Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse [flaviosanso.com](http://flaviosanso.com)

# Fazenda Menino

Crônica integrante de *Solidões Compartilhadas* (Lyra das Artes, 2020).

Tamiris Volcean

Quando o assunto é Arinos, cidade mineira, tudo começa em Morrinhos. Foi ali o início de tudo, o ponto de partida desse aglomerado de gentes que é feito de extremos — e está ali, na extremidade noroeste do estado de Minas Gerais. Foi dali também que brotou o segundo dia de caminhada. De Morrinhos em direção à Fazenda Menino. Partimos ao encontro de Vó Geralda. Fazia um frio de doer os ossos e o céu teve complicações no parto diário, que é fazer nascer o sol. Já estávamos na estrada de terra batida, quando os primeiros raios fizeram-nos despir os casacos. Ninguém contou o porquê Vó Geralda abria suas portas para aqueles mais de cinquenta caminhantes, peregrinos do sertão. E também não se falou sobre o disfarce da Fazenda Menino. Isso não se falou nem antes, nem depois. Mas é coisa certa. Aquele canto do mundo é um tear gigante travestido de morada. Vó Geralda é a fiandeira da história crepuscular das Geraes. Parece que já fez simbiose com o mundo. Esteve ali desde o princípio, lembrando de tudo para nos contar. Tecendo e amortecendo causos.

Vó Geralda enraizou. Tornou-se um fascículo das raízes do mundo.

Era segunda-feira. E o trecho final que nos levava a este grande tear pôs-se retilíneo diante dos olhos. Estrada dura, daquelas que demoram a passar. Saímos de Igrejinha logo após o almoço. O estômago cheio tornou os passos lentos. Por vezes, pensei em parar. O caso é que a exaustão é o ponto final do trajeto. Sem ela, reticências. Faz aparentar coisa interminada. Chegamos na

Fazenda Menino quando o sol se deitou feito ancião. Vó Geralda nos esperava de portas abertas. Canjica doce no fogão. Um chá e, é claro, café doce, daqueles que levam açúcar logo no fervimento d'água, antes do pó escuro, que é para não esquecer — a máxima da hospitalidade mineira. Minas Gerais é uma colcha de retalhos heterogêneos costurada pelo gosto do café açucarado. Fio que corre de norte a sul, melando a boca da gente.

Fiandeira, quando visualiza a peça feita, põe-se a tear. Vó Geralda reuniu todos os seus netos na sala de casa. Sentou-se ali, de vista fraca e crente que algodão vira linho. Éramos chumaços amorfos diante da retina surrada pelos milênios. Vó Geralda, talvez, não tenha visto semblante algum. O tempo acometeu-lhe um sentido para avivar os guardiões do seu tesouro, que é lembrar. Mas o tato sobrenatural de suas mãos pairou ali. Ela organizou a fibra de cada ouvinte. Transformou o fio que nasce na aorta boreal. Fez-nos tapetes grandes o suficiente para cobrir os quilômetros de nossa trajetória. E vislumbramos tudo. Fomos curados das vistas sem nem precisar de oculista.

O Miguilim tinha mesmo é que dar as caras na Fazenda Menino. Senti-me criança, ouvindo histórias de avó antes de dormir. Aconcheguei-me num cantinho e enchi os olhos d'água, enquanto a fiandeira de todos os tempos compartilhava a força da professora mais comunista do sertão — tão necessária para, na década de 70, combater os abusos ditatoriais.

O contexto da história, na ocasião, era importantíssimo, mas, confesso,

é causo para ser repassado em torno da fogueira. Foi Miguilim quem me ensinou que Vó Geralda não tinha problema das vistas. Enxergar nem sempre é ver. Eu é que era cega.

A minha Vó não era Geralda, era Josefina. Neste dia, abandonei nomenclaturas. Vez em quando, eu só conseguia mesmo avistar os cabelos brancos. Fechei os olhos. Tornei-me trama de linho. A vida me deu um presente. Permitiu-me reviver uma prosa. Nesta sala de quadros tortos pendurados pelas paredes, Vó Pina reapareceu de relance. Era por isso, disseram. Vó Geralda abria suas portas para aqueles mais de cinquenta caminhantes, peregrinos do sertão, para fazer lembrar que desejo de coração puro de Miguilim é feito para acontecer. O meu aconteceu. Matei a saudade. Ouvi a prosa. E dormi feito naqueles tempos em que a falta não fazia sufocar.



## TRÊS SÓIS

WILLIAM SOARES  
DOS SANTOS

ED. PATUÁ

“Com efeito, o livro, dividido em cinco partes, todas abrindo com sugestivas ilustrações e epígrafes de autores consagrados, da antiguidade aos nossos dias, tece uma espécie de arco, que vai do registro de um fenômeno meteorológico inusitado, que ocorre em regiões nórdicas, ao registro inquietante do próprio fenômeno poético, “sem pano para esfinge,/sem sombra alheia”. Diante da envergadura desse arco de estranhezas, o autor confessa que “a poesia que escrevo agora/quer apenas/a claridade dos espaços”.”

Adriano Espínola



**Fale outra língua,  
escute o mundo!**

CONVOCATÓRIA PARA AUTORAS/ES EMERGENTES

#textosnaquentena:  
publicação de antologia

ensaio, poesia e prosa.

[www.oribeeditorial.com.br](http://www.oribeeditorial.com.br)

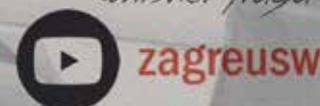


**LEIA UM TEXTO,  
ESCUTE UM PODCAST.**

**ALGUMLUCAS.COM**

acontece nos *livros*  
um canal dedicado à literatura

Inscreve-se e mergulhe no universo literário.



acontecenoslivros



noslivros



acontecenoslivros@gmail.com



Primeira aparição  
do livro invisível  
**Viagem a Andara,**  
de *Vicente Franz Cecim.*

[www.catarse.me/andaracecim](http://www.catarse.me/andaracecim)



**ALLEJO.COM.BR**

livraria  
**lume**  
Cultural

Livros novos e usados - Magic e Pokémon  
HQ e Mangá - LP - CD - DVD - Posters

Segunda a Sexta  
08h às 18h  
Sábado  
08h às 13h



@lumelivraria



(35) 3622-4144



Lume Livraria



(35) 9 9748-8040

Rua Coronel Rennó, 108 - CEP: 37500-015 - Itajubá/MG (Rua da Igreja Matriz)



“*La pelota no se mancha.*”

1960 - ∞

## ANEDOTAS PARA CONTAR DURANTE A CEIA



Kulich, o Panettone da Reversal Russa

Se já é quase Natal (!), falemos do panettone. Em uma noite fria do século 15, Ludovico il Moro, duque de Milão, ofertou um banquete de Natal para toda a realeza da região. Porém seu chef responsável exclusivamente pela sobremesa estava tendo um caso com a esposa de um dos convidados nos corredores escondidos do castelo enquanto a sobremesa que preparou queimava no forno. O jovem assistente de cozinha Toni então utilizou os poucos ingredientes que sobraram como açúcar, manteiga, cascas de laranja e passas para misturar à massa que ele havia preparado para levar pra casa e que já descansava havia três dias.

Sem opções, o chef teve que aceitar a sugestão do esforçado garoto e levou ao forno porções arredondadas da mistura para enfim servir a sobremesa do banquete. Temente, o chef logo se retirou do salão após apresentar a receita, mas a recepção foi um sucesso entre a realeza – o duque teve de chamá-lo novamente para agradecer publicamente. O chef, constrangido com os aplausos, confessou o verdadeiro autor da receita e a chamou de *pane di Toni* (pt: pão do Toni), posteriormente alterado para panettone.



E aqui, temos o Gol di Toni™

A forma do panettone como conhecemos hoje, no entanto, data apenas da década de 1920, quando imigrantes russos de Milão encomendaram 200 unidades de Kulich (pão tradicional consumido na Páscoa pelos ortodoxos cristãos) a Angelo Motta, fundador da empresa alimentícia Motta. Eles serviram de inspiração para Motta acrescentar nata e moldar os panetones em papel palha para que finalmente se transformassem nestes cogumelos de forno.

Mas se você é um daqueles céticos irredutíveis que desconfia até do próprio parto, certamente não se convenceu com essa historinha pra italiano dormir. Nesse caso, sua ceia de Natal terá o *pandoro* (pão de ouro), esse sim com “certidão de nascimento”. No dia 14 de outubro de 1894 em Verona, Domenico Melegatti patenteou a receita, a forma e claro, o nome.

Melegatti se inspirou no Pão de Viena para aprimorar a receita do nadalin, essa espécie de colomba pascal em forma de estrela que foi concebido durante o século 13 para comemoração do primeiro Natal em que a família Scala governou Verona. Para obter a forma desejada, Melegatti modificou a receita, aumentando a quantidade de ovos, nata e fermento e retirando todos os ingredientes que impediam a massa de crescer, como cobertura, passas e pinhão. O nome teve como base o costume de cobrir pães com folhas de ouro, esses servidos em banquetes da realeza.

[por Gabriel Mussiat]



Pandoro Melegatti: baita logotipo

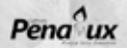
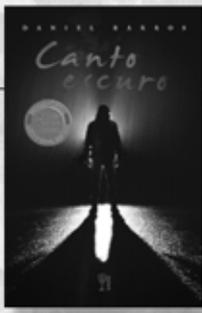




apenas por nós choramos  
anna mariano

*Apenas por nós choramos*, poesia (Penalux, 2020)  
**Anna Mariano**

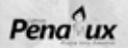
Finalista – Prêmio AGES Livro do Ano 2020 (categoria Poesia)

*Canto escuro*

Canto escuro, romance (Penalux, 2019)  
**Daniel Barros**

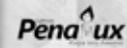
Finalista – International Latino Book Awards 2020 (categoria literatura ficção em língua portuguesa)




VIDA-ABER  
W. J. SOLHA

*Vida aberta: tratado poético-filosófico* (Penalux, 2019)  
**W. J. Solha**

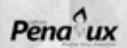
Finalista – poesia Prêmio Jabuti 2020




OLHOS BRUXOS  
Eliezer Moreira

*Olhos bruxos* (Penalux, 2019)  
**Eliezer Moreira**

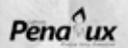
Finalista – romance de entretenimento Prêmio Jabuti 2020



toda janela é algum tipo de saída

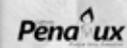
*Toda janela é algum tipo de saída*, poesia (Penalux, 2019)  
**Marina Rima**

Finalista – Prêmio Guarulhos de Literatura 2020 (categoria Escritor do Ano)




*Leque aberto*, crônicas (Penalux, 2020)  
**Raquel Naveira**

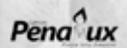
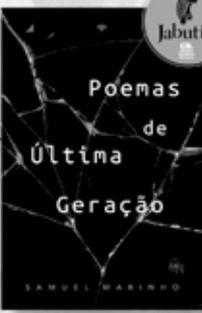
Livro vencedor do Prêmio Mário de Andrade UBE/RJ - 2020




casa de boneca para ELEFANTES  
patricia porto

*Casa de boneca para elefantes*, poesia (Penalux, 2019)  
**Patrícia Porto**

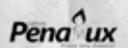
Obra Semifinalista – Prêmio Oceanos 2020

Poemas de Última Geração  
SAMUEL MARINHO

*Poemas de última geração* (Penalux, 2019)  
**Samuel Marinho**

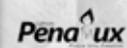
Finalista – poesia Prêmio Jabuti 2020




TOCAIA DO NORTE  
SANDRA GODINHO

*Tocaia do Norte*, romance (Penalux, 2020)  
**Sandra Godinho**

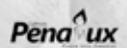
Livro vencedor do Prêmio Literário CIDADE DE MANAUS - 2020 (categoria Nacional)




A depressão tem sete andares e um elevador  
Isabela Sancho

*A depressão tem sete andares e um elevador*, poesia (Penalux, 2019)  
**Isabela Sancho**

Finalista – Prêmio Glória de Sant'Anna 2020




editora **penalux**

Editora **Penalux**  
Porque livros iluminam

[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br)

[originais@editorapenalux.com.br](mailto:originais@editorapenalux.com.br)

# Pássaros atravessando o silêncio

Por Lucas Silas

Orides Fontela nasceu em 24 de abril de 1940, em São João da Boa Vista (SP). Cursou a Escola Normal em 1955 e graduou-se em Filosofia na Universidade de São Paulo (USP) em 1972. Durante sua vida, trabalhou como professora primária em várias escolas de São Paulo. Financeiramente, a poeta teve uma vida difícil; foi despejada do apartamento onde morava, passando então a viver na Casa do Estudante, localizada em um prédio antigo da capital. Morreu em 2 de novembro de 1998, em um hospital de Campos do Jordão (SP). Na época, se não fosse pela atenção de uma enfermeira, a escritora teria sido enterrada como indigente.

## POEMA

Saber de cor o silêncio  
diamante e/ou espelho  
o silêncio além  
do branco.

Saber seu peso  
seu signo  
— habitar sua estrela  
impiedosa.

Saber seu centro: vazio  
esplendor além  
da vida  
e vida além  
da memória.

Saber de cor o silêncio  
— e profaná-lo, dissolvê-lo  
em palavras.

# io: 8 poemas de Orides Fontela

## POUSO

Ó pássaro, em minha mão  
encontram-se  
tua liberdade intacta  
minha aguda consciência.

Ó pássaro, em minha mão  
teu canto  
de vitalidade pura  
encontra a minha humanidade.

Ó pássaro, em minha mão  
pousado  
será possível cantarmos em uníssono

se és o raro pouso  
do sentimento vivo  
e eu, pranto vertido  
na palavra?

## TORRES

Construir torres abstratas  
porém a luta é real. Sobre a luta  
nossa visão se constrói. O real  
nos doerá para sempre.

## BODAS DE CANÁ

I  
Da pura água  
criar o vinho  
do puro tempo extrair  
o verbo.

II  
Milagre (anti-  
milagre)  
era tornar em água  
o vinho  
vivo.

III  
A água embriaga  
mas para além do humano: no amor  
simples.

IV  
Para os anjos a  
água. Para nós  
o vinho encarnado  
sempre.

**CORUJA**

Voo onde ninguém mais — vivo em luz

mínima

ouço o mínimo arfar — farejo o sangue  
e capturo  
a presa  
em pleno escuro.

**CLAUSTRO (II)**

Antigo  
jardim fechado:  
águas, azulejos  
e sombra.

Macular esta paz?  
Proibido.

Só leves pensamentos  
transitam

— leves, tão  
leves  
que agravam mais o silêncio.

E o jardim se aprofunda  
espelho

verde do abismo: céu  
nas águas claras

e este chão não existe  
— tudo é abismo —  
e esta paz é vertigem  
— puro abismo —  
e o pensamento fixo  
— mudo abismo —

tudo amplia mais o silêncio.

**FALA**

Tudo  
será difícil de dizer:  
a palavra real  
nunca é suave.

Tudo será duro:  
luz impiedosa  
excessiva vivência  
consciência demais do ser.

Tudo será  
capaz de ferir. Será  
agressivamente real.  
Tão real que nos despedaça.

Não há piedade nos signos  
e nem no amor: o ser  
é excessivamente lúcido  
e a palavra é densa e nos fere.

(Toda palavra é crueldade.)

**AFORISMOS**

Matar o pássaro eterniza  
o silêncio

matar a luz elimina  
o limite

matar o amor instaura  
a liberdade.

**REFERÊNCIAS**

FONTELA, Orides. **Poesia Completa / Orides Fontela**. São Paulo: Hedra, 2015.

UNIÃO, T.V. **Região: Documentário – Orides, onde ninguém mais**. [s. d.]. Disponível em: <https://bit.ly/3nXlqNC>. Acesso em: 15 nov. 2020.

 canalsonoro

 canalsonoro



ipeamarelo

Acredite nas palavras.

[www.editoraampearelo.com.br](http://www.editoraampearelo.com.br)



# FICÇÃO INTELIGENTE

Cadastre-se e leia grátis dois contos do livro *Teslapunk*.

Livros criativos especialmente selecionados para quem gosta de ficção científica

<https://livro.editoramadreperola.com/ficcao-inteligente>



# 8. Simulação<sup>2</sup>

Algum Lucas

Contemplo o meu eu ultrahistórico, abstraído do espaço-tempo, meu avatar, e ele não me olha de volta, porque a sua existência presume o fato de que inexisto. E, no ambiente digital que simula a minha mente, coloco-me a simular ainda outra simulação: a de minha experiência material. Desta, então, estou duplamente afastado graças à minha decisão de excluir da minha existência a necessidade de começar pelo ato de existir — a existência que almejo é convenção digital, objeto que produzo, mantenho e consumo sem nunca dele preterir: devenho ontologicamente Sísifo.

E, tanto Sísifo homem quanto Sísifo lenda que sou, coabito o espaço inarticulável da simulação, estou a todo tempo a me esquivar da inadequação sensorial que me acomete quando minha pedra me derruba de volta ao chão. Minha inexistência só pode ser compreendida agora através de sua narrativização. Portanto, mais uma vez, simulo e repito a legenda: “É mais um ciclo que se encerra, e um novo se inicia, que este ano, momento, fase, emprego, lugar seja melhor que o anterior. Amém, buda, gratidão.”

Na minha conta principal, revelei aos seguidores que produto (#ad) utilizo para manter a casa limpa apesar do cachorro, o amor da minha vida; no perfil exclusivo, revelei pro pessoal que estou me sentindo bem assim, sabe?, com esse negócio todo das pessoas só se importarem com a imagem e ser todo mundo fake; e, no perfil do meu filho, meu amor, meu cachorrinho, posto um vídeo super fofo dele fazendo um treino *pet* na academia de ginástica *pet* do fulaninho trainer (#ad).

Em meio a este ambiente que mantenho simulado, diferente de minha magnanimidade, o influencer *wannabe* — o que ainda segue mais do que é seguido — contempla as minhas narrativas, a minha presença digital, e pretende simulá-la. O emprego, porém, não permite que tenha um pet de raça, e a sua falta de personalidade não permite que tenha amigos o suficiente para sustentar um perfil exclusivo ou sequer participar do perfil exclusivo de alguém. Sua falta de influência não permite que receba produtos de marcas, portanto vai ao shopping parcelar quinquilharias para dizer que as recebeu. Sua inadequação aos moldes do lenhador urbano ou da neobarbie cibernética não permite que circule pelos mesmos contatos que o influencer predileto. Restam, enfim, as possibilidades de devir nicho ou oposição — abandonar o sistema nunca foi uma opção.

De cada lado da rede, conseqüentemente, começam a surgir os tecelões de uma irrealidade palpável pelos procedimentos desse novo existir contemporâneo: a ubermenschização do avatar; a livre interpretação dos fatos e a ultrahistoricidade como ferramentas de justificação do mundo e da apropriação existencial; a virtuo transcendência; e o viver como ferramenta do desvendar-me, em oposição ao sensibilizar-me na totalidade de minhas dores e afetos.

A) A ubermenschização do avatar é ponto incontornável da ascese ao *videor ergo sum*: a superação de si e dos valores de que se apropria, se quantificáveis, parecem materializar-se no avatar que registra, ultrahistoricamente, a ascese do eu avatarizado. Nisto, porém, restam latentes os fantasmas existenciais, os

traumas que se discutirá em terapia, a insegurança no mundo real, de modo que o eu devém degrau, parte do trajeto para lembrar-se que, tal como aponta o meu avatar, eu sou sim incrível, veja o quanto superei, batalhei, conquistei. A ubermenschização do avatar é o que dá ao protoinfluencer pseudobudista a confiança necessária para postar seus tão austeros *Veni, vidi, vici's*, igual àquele cara pacifista lá, da Grécia antiga, né?

B) A livre interpretação dos fatos é pressuposto técnico da fabricação narrativa ultrahistórica: sem que se possa equivaler o que me convém àquilo que verdadeiramente é, a existência toda através do *videor ergo sum* seria obstada. Para que eu seja alguma coisa além do nada que me restou, preciso erigir monumentos e percursos narrativos que completem as lacunas entre o nada que sou e o universo que juro ser. Não basta, aí, que meu avatar seja apenas simulacro do eu que eu podia ser, mas do inalcançável semideus que coletivamente acreditamos podermos nos tornar. Como, então, preencheria os espaços inabitados sem apropriar-me de outras existências? Logo, buscase, romanticamente, o exotismo de tudo aquilo que percebo Outro e me apropriio tanto da sofisticada ritualística da austeridade (#gratidão) quanto da opulência simbólica de uma suástica — tudo para que eu possa ser mais do que sou.

C) Assim, transcendo virtualmente, e esta virtuo transcendência me permite quantificar o percurso à deificação — sem que eu seja capaz de me desfazer objeto nesta reificação. Tal como Cristo é ferramenta de um deus, e o gordinho careca, do universo,

preciso devir ferramenta daquilo que sacralizei: minhas narrativas. E, agora, minhas oferendas todas são postas ao pé do meu eu-altar, e meu avatar então descende da divina rede e as consome para continuar travando batalhas contra os numerais, os fatos e as baixíssimas taxas de conversão que meus perfis vêm sendo capazes de angariar. Essa virtuo transcendência, logo, resume-se às maquinações diárias a que me submeto para tentar sentir — mais do que alguma coisa — o transcender vigário da minha projeção, do meu tudo-aquilo-que-poderia-ser-se-tivesse-tomado-o-tempo-de-ser-alguma-coisa.

D) Vive-se, contudo, e apesar da livre interpretação dos fatos, com a certeza de que há algo de errado, afinal tenho consciência de que minha pedra, ao final, sempre cai. Não se pode negar aquilo que se sente — ao menos não instantaneamente: é preciso narrativizá-lo como experiência primeiro, para só a seguir livremente interpretá-lo. E, seja ela qual for a conclusão, uma palavra está sempre simultaneamente a quem e além daquilo que se sente — o filme de terror, de uma invasão domiciliar. Opto, entretanto, em operar a interpretação de quem pareço ser em termos que me distanciem de minhas insignificâncias. Devenho, conseqüentemente, mistério instigante a ser desvendado. Desvendar-me, mistério narrativo que sou. Desta maneira, o que sinto está a pelo menos uma narrativa de mim, e não posso senti-lo sem a intoxicação narrativa daquilo que gostaria de sentir ao invés. Os sentimentos altercam-se pelas posições principais, e — de novo, mais do que sentir alguma

## REFERÊNCIAS

[1] GARCIA, T. **La vie intense**: une obsession moderne. Autrement, 2016.

[2] VAN DEN AKKER, R.; GIBBONS, A.; VERMEULEN, T. **Metamodernism**: historicity, affect and depth after postmodernism. Rowman & Littlefield International, 2017.

[3] FLUSSER, V. **Pós-história**: vinte instantâneos e um modo de usar. Annablume, 2011.

coisa — o importante é que a sinta intensamente[1]. Tudo devém a expressão máxima daquilo que pode ser — virtualidade —, e aí justifica-se o metamodernismo ao apontar os polos vigentes como a abulia e o êxtase[2], pois, nos intervalos de minhas virtuostranscendências diárias, percebo-me, mesmo que em flashes, desterritorializado em mim, a esperar que o primeiro coraçozinho me alcance, que o primeiro numeral desbrave o percurso ascensor que travo sisificamente. E, neste breve espasmo de vazio sensorial, não tenho como não me deparar com um sentimento abúlico, ameno, do gênero que nem mais sei como sentir e que só pode ser traduzido como: um suspiro.

Eu, enfim, que já fui lenda de mim mesmo, completo a minha parte no percurso existencial do *videor ergo sum* e regresso à base da montanha assim que a pedra que é ter de validar o outro para que eu tenha valor de troca me arremessar de volta ladeira abaixo. Do êxtase à abulia.

Neste processo, se saio em busca de conforto, seja na família ou na arte, sou só capaz de encontrar modelos, como os meus avatares, simulacros de conjuntos de características que me acostumei a chamar pessoas. Não a concebo jamais, a possibilidade de existir insuficientemente na fração espasmódica de um instante desperdiçado. Não há nem ócio nem pode um dia haver um nada: preciso sempre de mais e do mais e, quanto mais fabrico narrativas para me trazer a sensação de que tenho alguma coisa, mais me manipulo ultrahistoricamente como produto e me comparo, por parâmetros mercantis, aos modelos que as narrativas que consumo produziram. Ficamos todos aquém da existência. Ao invés do êxtase — estase. De tão além (ultra) da história que buscamos enxergar, não fomos capazes de perceber que ela ficara para trás[3].

Aqui, depois da história, tem-se a impressão de que algo a mais do que ela possa existir. Mas o que ainda existe são os mesmos valores, as mesmas aflições e os mesmos afetos embrionários que existiam

logo antes de começarmos a nos simular virtualmente. Assim como Flusser afirma que o holocausto para sempre existirá em virtualidade (potencialidade), se inarticulado, evitado como pauta, sem ser extinto através do esvaimento de seus valores fundantes, nunca existirão também direitos humanos para humanos, se a humanidade e a vida, como um todo, permanecerem equiparadas a um objeto de consumo, uma mercadoria.



# A parapsicologia explica

Carolina Bataier

Se você viveu os anos 90, deve lembrar daquele padre, como era o nome? Aparecia no Fantástico e desmascarava fenômenos sobrenaturais. Imagens de câmeras de segurança mostravam portas batendo, luzes piscando, espelhos quebrando. O padre assistia, com um risinho de canto de boca, e apontava as mentiras: era alguém escondido no canto da cozinha, um fio desencapado, um imã gigante atrás da porta. Ou era tudo coisa da cabeça de alguém, ele explicava. O ser humano gosta de acreditar.

Naquela época, ficaram famosos os parapsicólogos e eu fiz um curso com um deles. Um senhorzinho simpático, falava manso e fazia a gente rir. Era, também, padre e, com meia dúzia de palavras doces, convenceu minha professora de Educação Artística a conversar com um anjo. Estávamos, os alunos, num semicírculo. Ela e o padre ao centro. Ele tapou os olhos dela e disse alguma coisa no ouvido. E vi a mágica acontecer. Aquela mulher, que toda semana me ensinava sobre cores quentes, frias e Salvador Dalí, acenando abobalhada para um anjinho invisível. A gente só enxergava o chão de ladrilhos, mas ela apontava as asinhas, falava dos cabelos e dos olhinhos.

Com aquela demonstração, o mestre da parapsicologia reforçou o que Raul Seixas já cantava no meu *discman*: a gente é humano, ridículo, limitado e só usa 10% da nossa cabeça, animal. Nosso cérebro aprende, esquece, lembra, desenvolve fórmulas matemáticas, soluciona problemas, escreve histórias, faz música, sonha e engambela. A mente é capaz de nos enganar não só quando é induzida a

ver um anjo, mas também quando está cansada (na verdade, a gente se engana o tempo todo, é só lembrar da última paixão. Você esperou mensagens, fez planos e, no fim, nem era grande coisa, vai, mas isso é papo pra outra conversa).

Pois então, depois de cento e tantos dias dentro de casa esperando por um futuro que não chega, a mais nova enrotação das mentes exaustas é a vida lá fora. O coronavírus segue matando, mas, de repente, perdemos o medo. São meses trancafiados em casa, nenhum progresso, nenhuma esperança palpável sobre a vacina. Até eu, que um mês atrás dei sermão em amigo por causa de festinha, caí nessa.

Não foi grave, mas, numa manhã de sábado, fugi para a praia. Escolhi uma quase deserta, entrei no mar, senti a pele secar ao sol e Iemanjá levou para o fundo do oceano o ranço acumulado desde março. Fique boiando, olhando o céu e avaliando as possibilidades de não voltar. Uma casinha no meio do mato, uns peixes, umas bananas pareciam uma boa ideia. A mente anda mesmo exausta.

Foi um fim de semana atípico e arriscado, não recomendo. Inclusive, reprovou. Mas, inebriada pelo cansaço das paredes de casa, no domingo decidi tomar sorvete caminhando pelas ruas no fim da tarde. Tracei o plano, vesti a máscara e parti para a ação. Entrei na conveniência do posto de gasolina, passei álcool nas mãos, escolhi o picolé, tentei não entregar nas mãos do atendente do caixa, mas ele precisava passar o código de barras na máquina, acompanhei cada gesto para intervir antes do rapaz colocar o picolé sobre o balcão, me distraí e ele colocou, olhei com cara feia, passei

álcool na embalagem e na minha mão outra vez, desembulhei tomando cuidado para evitar o contato da parte externa da embalagem com o meu pedacinho de felicidade congelada, sorri e lembrei que é impossível comer com a boca encoberta. Fiz o caminho de casa com a máscara no queixo, mordiscando, amargurada, a casquinha de chocolate, desviando de todo ser humano. Lembrei de quando, já adulta, comprei três mini guarda-chuvas de chocolate. Desembulhei, com carinho, sentada no sofá, preparada para reviver os sabores da infância. Com muita boa vontade, dei a segunda mordida só para ter certeza de que chocolate hidrogenado é horrível.

Ao menos a luz do fim da tarde estava linda. Os raios de sol desenhavam riscos amarelados no horizonte, por trás da Serra da Bocaina. Ouvi palmas. No jardim de uma casa, faziam uma festa de aniversário. Passei diante do portão bem na hora dos parabéns e não julguei, não. Até tentei balançar a cabeça em reprovação, mas só fui capaz de sorrir e me sentir parte daquela alegria. Nessa hora, lembrei o nome: Padre Quevedo.



6



## Olga Savary

Trecho de entrevista concedida à Rio TV  
Câmara, 2013.

Eu sempre brinquei nas entrevistas dizendo o seguinte: três coisas são fundamentais na vida, não necessariamente nesta ordem: o senso poético, o senso de erotismo e o senso de humor. Sem humor, também você não vive, porque a vida não é brincadeira. A vida é dura, mas, se você levar tudo no humor, tudo fica mais fácil. E erotismo é fundamental.